

Novos estudos de religião sobre sexualidade*

Mary E. Hunt**

RESUMO

A autora afirma que os novos estudos sobre religião apresentam mudanças em relação à sexualidade tanto nos seus pressupostos quanto nos métodos para realizá-la. Os estudos da religião, em geral, estão lamentavelmente atrasados em relação aos estudos seculares sobre estes assuntos. Para os progressistas o desafio é duplo: (1) apressar-se em conhecer o que se tem pesquisado, na área de sexologia e afins, bem como desenvolver posicionamentos religiosos consistentes com a realidade atual; (2) difundir suas descobertas e *insights*, ao invés de se engajarem em velhos debates entre si mesmos.

Palavras-chave: sexualidade, feminismo, novos estudos de religião.

ABSTRACT

The author asserts that new religious scholarship on sexuality features changes in both the assumptions that underlie it and the methods used to accomplish it. Religious scholarship in general is woefully behind the secular tide on these matters. The challenge to progressives is twofold: (1) to get up to speed on sexology and

related research so as to develop religious positions that are consistent with today's reality; and (2) to disseminate our findings and insights through the most effective public means possible *rather than* engage in old debates among ourselves.

Keywords: sexuality, feminism, new religious scholarship.

Os novos estudos sobre religião apresentam mudanças em relação a sexualidade, tanto nos seus pressupostos quanto nos métodos para realizá-la. Os estudos da religião, em geral, estão lamentavelmente atrasados em relação aos estudos seculares sobre estes assuntos. Para os progressistas, o desafio é duplo: (1) apressar-se em conhecer o que se tem pesquisado na área de sexologia e afins, bem como desenvolver posicionamentos religiosos consistentes com a realidade atual; (2) difundir suas descobertas e *insights*, ao invés de se engajarem em velhos debates entre si mesmos.

Eu lamento o estado dos estudos de religião sobre sexualidade. A grande maioria das publicações, especialmente das editoras das principais tradições cristãs, refletem, no mínimo, um conhecimento embaraçoso sobre sexualidade. Eles misturam dados científicos com preconceitos baseados em sua fé. Sem dúvida, há exceções como, por exemplo, o livro de Marvin M. Ellison: "Same Sex Marriage: A Christian Ethical Analysis", ou o artigo de Christine E. Gudorf: "The Erosion of Sexual Dimorphism: Challenges to Religion and Religious Ethics" [Journal of the American Academy of Religion 69 (2001) 863-891], nos quais elas rejeitam pensar na religião em termos de um ou outro. Porém, lançando um olhar sobre o conhecimento religioso por uma teoria sexual inovadora esta é, a meu ver, uma aposta equivocada. Análises sociológicas, psicológicas, antropológicas e até mesmo econômicas, são mais reveladoras da realidade acerca das práticas, atitudes e valores sexuais americanos contemporâneos do que a literatura religiosa.

* Doutora em Teologia Feminista e coordenadora da Women's Alliance for Theology, Ethics and Ritual – WATER.

** A tradução integral foi feita por Sandra Duarte de Souza, doutora em Ciências da Religião e professora no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMEP.

Todavia, a religião traz algo para o diálogo que eu não gostaria de deixar de lado, a saber, duas reivindicações: 1) que nossas sexualidades são dinâmicas de conexões entre nós como seres humanos; 2) que a sexualidade tem significado e valor que transcendem o dia-a-dia e ela nos une com o divino. Embora estas estejam articuladas com nossas muitas tradições de fé, eu as tomo como hipóteses em elaboração e verifico o conhecimento emergente daquilo que elas revelam.

Primeiro, uma palavra sobre minha perspectiva. Como uma feminista católica romana, eu posso dizer honestamente que não discordo tanto da Igreja Católica sobre sexualidade, mal orientada que ela está sobre praticamente todos os temas sexuais, desde a masturbação e o controle de natalidade até o aborto e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Antes, eu vivo em um universo diferente daquele ao qual a igreja institucional se dirige. A Igreja Católica apresenta respostas para, praticamente, todas as coisas. Porém, a maioria das respostas é para perguntas que a maioria dos católicos não estão fazendo e que não têm feito há décadas. Por exemplo, ninguém que eu conheça se preocupa com a masturbação e, mesmo assim, a Igreja Católica ensina que isso é um pecado grave. A maioria das pessoas que eu conheço está preocupada com o acesso aos serviços de saúde, especialmente no que se refere à saúde reprodutiva, como um assunto de necessidade e justiça em um momento em que isso não está disponível para milhões de pessoas nesse país e é também racionado mesmo para aqueles que teriam condições de acesso a eles. Mais ainda, a Igreja Católica transformou o aborto em um negócio, como se essa difícil decisão da mulher, e não a guerra, a economia e o meio ambiente, fossem a questão moral mais importante do momento.

Eu penso nisso como o modelo "Jeopardy" ("Arriscar") de fazer teologia (depois do show da TV), exceto pelo fato de que os católicos nem mesmo chegam a escolher as categorias. Se esse fosse apenas um jogo locutório,

seria divertido. Mas, diante do HIV/AIDS e de outras doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e violência sexual, tal teologia é perigosa. Quando usada como base para o desenvolvimento de políticas públicas, ela é mortalmente perigosa. Este é o porquê do fato de eu rejeitar ensinamentos que são infelizes, e propor modelos e idéias alternativos dentro da esfera católica de influência.

Não seria ecumenicamente político e polido de minha parte criticar o conhecimento religioso sobre sexualidade de outras tradições religiosas. Mas, com poucas exceções – como o relatório de 1991, da Igreja Presbiteriana, *Mantendo corpo e alma juntos (Keeping Body and Soul Together)*, o qual era um relatório menor em relação a outro mais conservador da mesma igreja: *Presbiterianos e Sexualidade Humana (Presbyterians and Human Sexuality)*; ou *Nossas Vidas Integrais (Our Whole Lives)*, da grade de educação religiosa da Unitarian Universalist Association da United Church of Christ; e *Keeping It Real*, desenvolvido pela Black Church Initiative of the Religious Coalition for Reproductive Choice, os quais salvarão vidas – simplesmente não há uma abundância de materiais úteis advindos de instituições religiosas isoladas. Felizmente, há um florescer de novos projetos que se aproximam do objeto de uma maneira diferente, deixando para trás o denominacionalismo ou a tradição religiosa em favor de um trabalho colaborativo, abandonando a apologética pela análise e substituindo verdade e doutrina por inclusivismo e tolerância.

Há, ainda, um intercâmbio relativamente pequeno entre profissionais religiosos que trabalham com a sexualidade e nossos colegas não religiosos. Novamente, as exceções põem a regra à prova com o *Religious Institute on Sexual Morality, Justice and Healing; Catholics for a Free Choice*; e alguns outros grupos religiosos que colaboram com organizações seculares como *Freedom to Mary* e *Planned Parenthood*. Percebo que os religiosos e as religiosas ainda conversam entre si em uma linguagem e em imagens confortáveis

para eles, mesmo em meio a graves discordâncias, mas isso não faz muita diferença para além de seus herméticos círculos. Se eu fosse utilizar o seu vernáculo, diria: "O Espírito Santo não é respeitador do vírus, apesar do que os cristãos conservadores pensam sobre camisinhas".

Quatro grandes mudanças no cenário sexual nas duas últimas décadas demandam um total repensar da ética religiosa sobre a sexualidade. Tomadas em conjunto, elas formam um roteiro de checagem para a avaliação do conhecimento religioso sobre ética e sexualidade. Se estas quatro questões não forem dadas, a análise e/ou a aproximação ética está provavelmente obsoleta.

1) Em um encontro patrocinado por Católicas pelo Direito de Decidir, há doze anos atrás, Dr. José Barzelatto, então da Fundação Ford, afirmou que em muitas partes do mundo, inclusive nos EUA, uma mulher, pelo menos por duas vezes na vida, mantém relações heterossexuais com a intenção de engravidar. O resto do tempo ela usa, ou gostaria de usar, algum método contraceptivo. Ao mesmo tempo, bem ou mal, as novas tecnologias reprodutivas estão cada vez mais disponíveis, de tal forma que os índices de gravidez sem intercurso sexual estão aumentando. O pressuposto equivocado de que gravidez e relação heterossexual estão vinculados não vem mais ao caso. Muitas pessoas ficaram surpresas nesse encontro pela natureza infundada dessa afirmação. Mas isso já é bastante comum, embora nunca saberemos disso lendo a literatura religiosa sobre sexualidade.

2) Uma outra importante mudança é a passagem da idéia da homossexualidade como tabu e pecado a uma aceitação crescente do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Evidentemente, há muitas homossexualidades e muitos problemas — maneiras nas quais raça, classe, gênero, idade, nacionalidade, etc, moldam o que o que significa o engajamento em relacionamentos com pessoas do mesmo sexo. Por exemplo, o *The Washington Post*, recentemente, apresentou, uma série sobre jovens gays e lésbicas. Eu gostaria que o *The*

Post tivesse atentado para alguns gays e lésbicas saudáveis e bem ajustados, ao invés de perpetuar o estereótipo de que todas as crianças gays e lésbicas têm problemas psicológicos (que os/as adolescentes heterossexuais não têm?). Mas a série mostrou a variedade de pessoas cujo amor se movimenta na direção do mesmo sexo. O perfil do jovem homem rura, de pescoço vermelho, vive constantemente à beira do perigo. A vida da jovem afro-americana nas ruas de Newark, em Nova Jersey, é retratada de maneira simpática, apesar de seu comportamento masculino e de sua malandragem de rua.

Mesmo que a maioria de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e *queer* não seja branca, de classe média e proprietária como eu sou, a homossexualidade simplesmente já não é mais o horror que era para gerações anteriores. As estatísticas mostram que, para os jovens, a homossexualidade tem uma importância relativamente pequena, não um grande problema. Mesmo o Direito Religioso já se deu conta disso, o que responde por seu frenético esforço contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Eles têm que se movimentar imediatamente, pois suas esperanças no que se refere a essa questão são limitadas; esse simplesmente não será um problema daqui a vinte anos. O casamento entre pessoas do mesmo sexo será como o divórcio, o qual foi do não ouvido para o senso comum em poucas décadas. Não obstante, os religiosos debatem essas questões de ambos os lados como se os anos 60 tivessem voltado, como se Ozzie estivesse deixando Harriett pelo pai de Beaver Cleaver.

3) Uma terceira mudança é o fato de que os *transgêneros* têm transtornado a ordem sexual. Nós sabíamos o que era um homem, o que era uma mulher, certamente quem era uma lésbica a partir de sua escolha por uma parceira sexual, e que um homem era gay porque amava outro homem. O desafio do transgênero é que nós já não podemos estar tão certos de nada disso. Todos devemos repensar nossas identidades e

compromissos. Ativistas transgêneros como Kate Bornstein e Leslie Feinberg têm nos ensinado que gênero é muito mais fluido do que pensamos, e que há mais do que apenas duas escolhas. Enquanto a maioria dos religiosos não perceber isso, eles o ignorarão a seu próprio risco.

O conhecimento religioso em relação a questões sobre *transgêneros* vem de uma fonte inauspiciosa, uma feminista evangélica. O livro de Virginia Ramey Mollenkott's, *Omnigender: A Trans-religious Approach*, mostra a obviedade dos limites de categorias binárias e a necessidade de repensarmos todas as suposições de gênero. Esta "boa nova" não é universalmente bem aceita, mesmo entre lésbicas, gays bissexuais e *queers* religiosos, que estão lutando noite e dia para mudar as posições de suas respectivas comunidades. Eles são forçados a recuar e repensar as análises e estratégias construídas como se sexo e gênero fossem fixos, estáveis.

Mais trabalho é necessário para insistir nas implicações desses pensamentos. De qualquer modo, o espírito está fora da garrafa e ela é *trans*. Qualquer trabalho sobre ética sexual que não reconheça o impacto criativo e desestabilizador dos *transgêneros* está uma ou duas décadas atrás.

4) A quarta mudança é o rápido alastramento do HIV/AIDS. Ele se transformou, em duas décadas, de uma doença encontrada nos EUA, majoritariamente entre homens brancos gays, em uma doença agora encontrada desproporcionalmente em países em desenvolvimento, em comunidades pobres de mulheres e crianças dependentes, entre as quais está crescendo rapidamente. Os dados narram isso:

- Número total de mortes por AIDS entre 1981 e o final de 2003: 20 milhões.
- Número total de crianças órfãs por causa da AIDS na África sub-Sahariana, entre 1981 e o final de 2003: 12 milhões.
- Em dezembro de 2003 as mulheres beiravam os 50% de todas as pessoas portadoras do HIV em todo o mundo, e eram 57% na África sub-Sahariana.

- Os jovens (15-24 anos) respondem por metade de todas as novas infecções por HIV do mundo inteiro, mais de 6 mil são infectados com o HIV todos os dias.

- Um número estimado de 5 milhões de pessoas de países de baixa ou média renda, não têm as drogas contra a AIDS que poderiam salvar suas vidas (<http://www.avert.org/worldstats.htm> (Acesso em: 4 out. 2004).

Peritos da Organização Mundial de Saúde indicam que nós estamos apenas no início de uma pandemia. Grupos religiosos têm sido muito úteis nas ações de caridade, provendo comida, abrigo e cuidados médicos para aqueles que estão doentes. Mas, poucos deles têm sido batalhadores por justiça, tentando mudar as injustas condições globais que favorecem o crescimento da doença. Algumas religiões, especialmente o cristianismo conservador, tais como a proibição católica do uso da camisinha, têm contribuído para a propagação da doença.

Sob a luz dessas quatro novas realidades sexuais – desvinculação de heterossexualidade e gravidez; normatização crescente da homossexualidade; desafio de todas as suposições de gênero pelos *transgêneros*; a pandemia do HIV/AIDS – a necessidade de novos estudos da religião sobre a ética sexual é urgente.

O novo estudo de religião é o fruto de novas vozes, novos modos de trabalho e novas maneiras de entender as questões. Tal projeto está no livro editado pelas teólogas Patrícia Bettie Jung e Mary E. Hunt, e pela economista Radhika Balakrishnan: *Good Sex: Feminist Perspectives from the World's Religions*. O projeto foi patrocinado pela Consulta Religiosa sobre População, Saúde Reprodutiva e Ética, idealizada por Daniel C. Maguire, professor de teologia moral da Marquette University. Ele e Harold Coward, do Centro de Estudos de Religião e Sociedade, da Universidade de Victoria, no Canadá, desenvolveram um modelo para juntar diversos estudiosos em um livro acadêmico e em uma publicação popular

(talvez um vídeo), resultado da colaboração de cada equipe.

Sob a égide da Consulta Religiosa, reunimos uma dúzia de estudiosas feministas de oito países (incluindo Tailândia, Nigéria, Inglaterra, Brasil etc.) e seis tradições religiosas (judaísmo, islamismo, budismo, cristianismo etc.). Ativistas estudiosas de várias áreas (incluindo religião, economia e ciências sociais) encontraram-se primeiramente na Filadélfia, por três dias, para entrosamento e partilhar de pensamentos. Nós fizemos a pergunta óbvia – mas até aquele ponto não perguntada – sobre o que as mulheres de várias tradições religiosas pensam que é o “sexo bom” (*good sex*), uma vez que todas conhecemos muito bem o que nossas tradições religiosas patriarcais dizem. Cada uma de nós escreveu o rascunho de um ensaio e então nos reunimos em Amsterdã para uma outra rodada de discussão, depois do qual reescrevemos nossos ensaios para publicação. O livro reflete tanto as visões individuais como o fruto de nossa colaboração. Tornou-se claro que, embora não concordássemos com o que é “bom”, nem mesmo com o que entendíamos por “sexo”, concordávamos que as questões de diretoria e não os assunto de quarto, são mais importantes: segurança, violência, economia (tráfico e prostituição), colonialismo e o direito ao prazer.

Eu aprendi três coisas que considero axiomáticas para elaborar a ética sexual: primeiro, aprendi que recompor questões é necessário para o desenvolvimento de novas aproximações. Wanda Deifelt, uma pastora luterana do Brasil, descreveu a maternidade compulsória entre mulheres de classe média alta em seu país por causa da proliferação de clínicas de fertilização *in vitro*. Suwanna Satha-Anand declarou que em uma visão budista o melhor sexo é o não-sexo. Patrícia Beattie Jung escreveu em perspectiva católico-romana. Ela afirmou que, ao contrário do ensinamento católico corrente, que privilegia o prazer masculino no intercuro heterossexual, a necessidade de prazer sexual das mulheres para

ser parte da equação ou do critério para o “bom sexo”, nunca é plenamente satisfeita. Meu próprio ensaio, “*Just Good Sex*”, envolve um repensar do “bom sexo” como um direito humano, assumindo que o bom sexo é seguro, consensual, construído comunitariamente e que contribui para a justiça. Cada uma dessas aproximações representa um ângulo sobre essas questões, suficientes para uma mudança de perspectiva e para deixar de lado velhos argumentos, abrindo um novo terreno ético.

Um segundo *insight* que emergiu desse trabalho é que os dias de estudos religiosos numa perspectiva singular e intimista sobre sexualidade estão contados. As aproximações internacionais/interreligiosas são crescentemente normativas. Os estudiosos dos EUA necessitam, especialmente, dos desafios de nossos colegas de outros países para evidenciar as dimensões hegemônicas de nosso próprio discurso.

Um terceiro aprendizado é que o processo e não apenas o produto requer atenção no trabalho ético religioso. Mesmo nas mais básicas questões em que possa haver discordância, é importante construir uma dinâmica entre colaboradores que mantenha a discussão em andamento, que instile confiança. Certamente, estratégias comuns são importantes, mas estas emergem não tanto de uma mentalidade comum, mas de uma necessidade comum.

Estes critérios foram empregados em vários novos livros que emergiram dos projetos patrocinados pela Consulta. A série *The Sacred Energies* (publicada pela Fortress Press) é um volume popular baseado no trabalho acadêmico do projeto. Por exemplo, o texto de Daniel C. Maguire *Sacred Energies – Sacred Choices: the Right to Contraception and Abortion in Ten World Religions*, é um estudo muito útil. Ele não começa com a defesa de uma posição pró-escolha, mas com dados de várias tradições religiosas que mostram as sementes de tal posição em cada uma delas. Uma outra nova perspectiva é articulada em *The Justice Men Owe Women: Positive Resources from World*

Religions, de Jonh C. Raines, uma aproximação inovadora sobre a justiça de gênero. Os trabalhos apresentam um terceiro projeto sobre heterossexismo. O time de estudiosos, homens e mulheres heterossexuais, lésbicas e gays inclui colegas da China, Nigéria, Paquistão e outros lugares. Em cada caso, um volume acadêmico era escrito por um grupo internacional inter-religioso de estudiosos e então os livros populares eram habilmente elaborados para fazer suas idéias acessíveis a uma audiência ainda maior. Cada um desses trabalhos inclui uma significativa reelaboração do tema, uma disposição em valorizar o diálogo mais do que respostas finais, o processo mais do que o produto, mantendo um profundo compromisso com a mudança social e a política pública.

Conclusão

Esta produção de um novo conhecimento em religião não muda o fato de que a maioria das pessoas considera a religião uma força social conservadora, não um lugar de pensamentos inovadores sobre sexualidade. Esta dificuldade não é o caso, a religião pode ser muito útil para ativar mudanças. Daniel C. Maguire estava certo, quando observou que a "*energia moral renovadora da religião*" poderia nos levar a uma grande extensão de tópicos.

Eu acredito que é responsabilidade dos adeptos religiosos, abraçar e reformar suas tradições de acordo com as necessidades e prioridades de seus dias, e em entendimento com pessoas de outros credos que buscam fazer o mesmo. Este é o outro lado do fundamentalismo religioso, o qual é a dinâmica que clama a existência de uma maneira de entender, interpretar e viver uma fé particular.

Fundamentalismo e aproximações expansivas, inclusivas e religiosamente diversas são cosmovisões concorrentes. No momento, o fundamentalismo parece ter a vantagem. As novas éticas religiosas sobre sexualidade formadas de acordo com os critérios por mim sublinhados, não substituirão uma forma de fundamentalismo

por outra. Isso trará as energias de nossas tradições para uma nova constelação de poder partilhado, de tal forma que todas as pessoas possam exercer o direito humano ao "bom sexo". Então, a tarefa é publicar a boa palavra o mais amplamente possível.